

## ALTA VOLTAGEM DA LIBERDADE DAS PALAVRAS

(Resenha sobre o livro *Regurgitofagia*, de Michel Melamed, publicada em *O Globo*, no caderno Prosa&Verso, dia 4 de setembro de 2004, página 2)

Vivemos uma época poética de fronteiras desguarnecidas: entre poesia e filosofia, entre poema e letra de música, entre o sujeito e o fora de si, entre o verso e a prosa, entre a palavra e as artes plásticas, entre a cultura erudita e a de massa, só para citar alguns dos exemplos mais correntes. O livro de Michel Melamed desliza, inapreensível, irretocavelmente, entre poesia e performance.

Assim como é difícil, porém enriquecedor, ler um livro de um grande letrista musical tendo de abdicar das canções que geraram suas palavras, *Regurgitofagia*, acompanhado de um cd da encenação que traz alguns dos esquetes apresentados no palco, nos faz deslizar entre a voz e a escrita, entre a cena e o belíssimo projeto, mais do que gráfico, plástico (a cargo de Olívia Ferreira e Pedro Garavaglia), entre o vestuário, tanto elegante quanto mal-ajambrado, como no caso daqueles raros mendigos que sempre nos atraem ou de um torturador sendo torturado, e as ruidosas palavras impressas.

É um livro, portanto, corporal; de um corpo de ator que, tendo agora de se ocultar, descobre o livro enquanto corpo. No espetáculo, o ator, ou, melhor ainda, o poeta-rapsodo, ligado a uma geringonça maquinica construída especialmente para a ocasião, toma choques a toda e qualquer reação da platéia, incorporados num jogo ao mesmo tempo tenso e tranqüilo, desde sempre aquiescido, com humor; no livro, o excesso de colagens de velhos bilhetes rabiscados em diversos tipos de papéis amarfanhados, acoplado à requisição da participação lúdica e inventiva do leitor em alguns poemas, muito além da pseudo-interatividade pouco inteligente atualmente buscada pela televisão, com a qual, nesses momentos, Michel dialoga, conseguem manter, no livro, o vigor da apresentação ao vivo, acolhedora das virtuosas improvisações. Assim como a performance não é a cópia do livro, este não é a reprodução daquela: relacionando-se, um escorregando para o outro, ambos têm força suficiente para manter suas capacidades independentes, por si próprias, instauradoras.

Desta encruzilhada entre poesia, performance e artes plásticas, ele tira toda a sua força, com um sopro de vida de uma juventude bem pensante, uma leveza poética inabitual, uma alegria dos arranjos das palavras, uma aproximação a muito do que, em nosso tempo, ocorre por aí. Algo como uma poética que lida com a sociedade de massas de maneira inovadora e instigante. Michel Melamed consegue manter a alta voltagem da liberdade das palavras, do pensamento e da vida, que todos desejamos e exigimos da poesia, ligada a um humor raras vezes conquistado por nossos poetas. Assumindo a tradição, dialogando, desde o título, com o Modernismo e, conseqüentemente, com o tropicalismo, mas, também, com a vertente americana dos *pocket shows* humorísticos, com *Regurgitofagia*, ele nos ajuda a deslocá-la. Neste deslocamento da tradição, quem sai ganhando é a atualidade.

Enquanto, com poderosos estômagos ruminantes, os antropófagos clamavam pela necessidade, e, vale dizer, acima de tudo, pelo desejo, das mais diversas deglutições, o jovem poeta, como que chegando de uma farta noitada em uma churrascaria, já parte do excesso, ou seja, tanto dos filés quanto das gorduras ingeridas e das bebidas e das sobremesas e do cafezinho. Eis o momento de colocar tudo para fora. Por isso, ao invés do silêncio, que, habitualmente, se faz o lugar-comum do poético, o livro é deflagrado pelos rumores excessivos que caracterizam o estômago em revolvimento, os altos volumes das buzinas urbanas, os chiados dos entrecruzamentos dos mais diversos meios de comunicação, o jogo da livre associação das palavras com sentidos esvoaçantes.

Assim, na realização de uma escrita polifônica, são antologicamente exemplares o texto que parte da palavra “ponto”, o que começa com “casa comigo”, o do “show do estupra”, as antilogias da morte, o do “pisciano, judeu, poeta e carioca e correntista do Itaú” e as páginas das liberdades conectivas, nas quais, através de pura associação livre, se conclui, por exemplo, que o que há de comum entre um soluço e um banco é um sapato. Como? Só lendo.

Uma das questões que mais me requisitam, convocando também alguns amigos poetas com quem constante e fraternalmente converso, é a respeito da contemporaneidade da poesia, da urgência de uma poesia que responda ao mundo atual. A poesia de Michel Melamed é uma das possibilidades de tal acontecimento.